

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma (1644),
de Padre Antônio Vieira.

Texto Fonte:

Editoração eletrônica:
Verônica Ribas Cúrcio

Diligite inimicos vestros (1).

I

Temos hoje em controvérsia os dois mais poderosos afetos, e os dois mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos que, se a vontade o vence, é senhora; tão perigosos que, se eles vencem a vontade, é escrava. E que dois afetos são estes? Amor e ódio. O amor tem por objeto o bem, para o abraçar; o ódio tem por objeto o mal, para o fugir; e este é o poder universal, que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas, como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem, pelo contrário, mal vestido, daqui vem que, enganada a vontade com as aparências, facilmente ama o mal, como se fora bem, e aborrece o bem, como se fora mal: e aqui está o perigo. Os antigos diziam: amai a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece, isto é: querei bem a quem vos quer bem, e querei mal a quem vos quer mal. Mas este mesmo ditame, ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em igualdade e justiça, é o maior e mais perigoso erro que a Sabedoria divina veio alumiar e reformar ao mundo. Neste Evangelho nos manda Cristo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos; neste nos manda amar aos que nos têm ódio, em outro nos manda ter ódio aos que nos amam; e sendo o mesmo legislador divino o autor destes dois preceitos tão encontrados, daqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é ódio; nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com aparências de bem, e leva-nos o amor; engana-nos o bem com aparências de mal, e mete-nos no coração o ódio. E que fará a triste vontade enganada assim, e cativa? O desengano destes dois erros é o que eu determino pregar hoje, e ensinar, não às más, senão às boas vontades, como hão de saber amar, e como hão de saber aborrecer. É matéria em que, depois de disputada a controvérsia, vos hei de descobrir um admirável segredo. Ajudai-me a pedir a graça. Ave Maria.

II

Diligite inimicos vestros.

Amai vossos inimigos. Santo Agostinho, com o peso do seu singular juízo, sondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimicos* (2). Lede todas as Escrituras Sagradas, ponderai todos os preceitos, conselhos e documentos divinos, e nenhum achareis — diz Agostinho — nem mais admirável, nem mais dificultoso que mandar Deus a um homem de carne e sangue, que ame a seus inimigos. — Admirável e dificultoso, diz o santo; e deixando o admirável para depois — como prometi — reparemos primeiro no dificultoso. É tão dificultoso este preceito, que os gentios o tiveram por impossível, e muitos hereges também, aos quais refuta doutissimamente e convence S. Jerônimo. Porém, em ser dificultoso, e muito, o mesmo S. Jerônimo concorda com

Santo Agostinho, e com Jerônimo e Agostinho, todos os outros Santos Padres e Doutores da Igreja. Todos dizem e confessam que este é o mais rigoroso preceito da lei evangélica, e esta a mais árdua e dificultosa empresa da religião cristã. Se entre os homens se acham tão poucos que amem verdadeiramente a seus amigos, quão dificultosa e repugnante coisa será à natureza humana chegar a amar os próprios inimigos?

Ora, com isto se representar e praticar assim, eu cuido que esta doutrina, quando menos, é muito duvidosa, e que padece uma grande instância. Santo Agostinho, nas mesmas palavras que já referi, diz que leiamos todas as Escrituras, e que em nenhuma delas se achará preceito ou documento mais dificultoso; e eu digo que para achar preceito e documento mais dificultoso, não é necessário ler todas as Escrituras, nem muitas, porque basta só um texto do Evangelho. O mesmo Cristo que disse: Diligite inimicos vestros, diz assim no capítulo catorze de S. Lucas: Qui non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus (Lc. 14,26): Quem não aborrece a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e a suas irmãs, e, o que é mais, a si mesmo, não pode ser meu discípulo. — Este preceito obriga em todos aqueles casos em que o amor dos pais e parentes se encontra com a observância da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o cristão não corresponder a quem o ama, se ilicitamente é amado, ainda que não fosse com perda da graça, senão da perfeição que professa. De maneira que, combinados os cânones da lei de Cristo, em uma parte manda-nos que amemos a quem nos aborrece: Diligite inimicos vestros, e em outra que aborrecamos a quem nos ama: Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus. Agora pergunto eu: e qual destes dois preceitos é mais dificultoso: aborrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com ódio ao amor, ou com amor ao ódio? Antes de resolver a questão, disputemo-la primeiro, e ouvi com atenção o que alegar por uma e por outra parte, porque vós haveis de ser os juízes.

III

Primeiramente parece que é mais dificultoso amar a quem me aborrece, do que aborrecer a quem me ama. Provo. O agravo com que me ofende o inimigo é dor no coração próprio: a correspondência com que falto ao amigo é dor no coração alheio; e no remédio das dores sempre se acode primeiro à que mais lastima, e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Logo, mais natural é no homem o ódio ao inimigo que o amor ao amigo, porque no ódio ao inimigo acode-se à dor própria, com a vingança, no amor ao amigo acode-se à dor alheia, com a correspondência. Mais. Quando amamos a quem nos ama, governa-se a vontade pela razão; quando aborrecemos a quem nos aborrece, move-se o apetite pela ira, e os ímpetos da ira sempre são mais fortes que os impulsos da razão; sempre obram mais eficazmente os ofendidos que os obrigados, porque a ofensa corre por conta da honra, a obrigação por conta do agradecimento, e mais sofrível é o nome de desagradecido, que a nota de afrontado. Mais ainda. Quando amo a quem me ama, pago o que devo; quando me vingo de quem me ofendeu, pagam-me o que me devem. E quem há que não seja mais inclinado a receber a satisfação, que a pagar a dívida? Mais dificultoso é logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece que está a experiência contra esta resolução, porque, sendo no mundo mais as ofensas que os benefícios, são mais as ingratidões que as vinganças: logo os homens, naturalmente, parece que são mais ingratos que vingativos. Mas não é assim, porque para a vingança é necessário poder, e para a ingratidão basta a vontade. E se é menor o número das vinganças, é por serem os homens menos poderosos, e não por serem menos inimigos.

Por outra parte, parece que é mais dificultoso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo: Amar a quem me aborrece, é ser humano com quem o não é comigo; aborrecer a quem me ama, é ser cruel com quem mo não merece: o ser humano é ser homem, o ser cruel é ser fera. Logo, aborrecer a quem nos ama, tanto mais dificultoso é quanto mais repugnante à natureza. Mais, e é forte razão esta. Da parte do objeto tanto provoca o ódio a aborrecer, como o amor a amar; porém, da parte da potência, a vontade é mais inclinada a amar que a aborrecer, porque o amar é ato natural, o aborrecer violento. Donde se segue que, convidada igualmente a vontade do ódio do inimigo para aborrecer, e cio amor do amigo para amar, naturalmente se há de inclinar mais a amar ao

amigo que a aborrecer ao inimigo. Logo, maior violência padece a vontade em aborrecer a quem nos ama que em amar a quem nos aborrece. Mais. Amar a quem nos aborrece, é ato de generosidade; aborrecer a quem nos ama, é ato de ingratidão. E que coração haverá tão irracional, que queira antes ser ingrato que generoso? Quem há de trocar a nobreza e fidalguia de uma generosidade pela vileza e baixaza de uma ingratidão? Finalmente, mais dificultoso é aborrecer sem causa que amar com razão. Em quem me aborrece há razão para o amar, porque se o aborrecer como inimigo, posso-o amar como próximo. Em quem me ama não há causa para o aborrecer, porque se o devo amar por próximo, por que o hei de aborrecer por amigo? Logo, mais dificultoso é aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

IV

Posta a questão nestes termos, para eu continuar o sermão, é necessário tomar primeiro os votos aos ouvintes, porque onde eles reconhecerem a maior dificuldade aí se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis pois nestes dois casos? Tendes por mais dificultoso o amor dos inimigos ou o ódio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amam? Todos se calam, ninguém me responde. Mas já vejo que quereis que os votos sejam secretos, para serem mais livres e mais verdadeiros. Vede se os interpreto e distingo bem. Destas grades para fora pode ser que haja alguns ânimos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais dificultoso amar inimigos e perdoar agravos. Mas das mesmas grades para dentro — que é a melhor e principal parte do auditório — como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor há de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor — dizem as almas mais discretas e de melhor coração — do amor me livre a mim Deus, que pelo ódio não me há de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injúrias do mundo, quase é incapaz de ódio; mas para o isentar do amor, que tem penas e asas, não bastam cercas nem muros. Dado pois, e não concedido, que algum amor modesto e comedido pudesse aqui entrar ou entrasse, não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor um coração que é amado, não há dúvida que este é o ponto mais estreito e dificultoso, e este o preceito mais árduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente e concedendo o vosso silêncio. Com que vem a distinguir sutilmente, na segunda parte da nossa mesma questão, outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso quanto mais delicado, e tanto mais dificultoso quanto mais repugnante. Não amar é menos que aborrecer a quem nos ama; e como no preceito de aborrecer se inclui também o de não amar, neste não amar, que é menos, consiste o mais da dificuldade. Assim entendo que o entendem e estão votando os melhores juízos. E por que não pareça que dissimulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer, pondo-me primeiro da vossa parte, a quero fortificar e defender quanto ela merece.

Primeiramente, o mesmo legislador desta sagrada república, S. Bernardo, sobre aquelas palavras dos Cânticos: *Dilectus meus mihi, et ego illi* (3), ainda das telhas acima diz que o amor com que a alma ama a Deus, nasce do amor com que Deus ama a alma: *Amor Dei amorem animae parit*. E acrescenta que por isso a alma ama, porque sabe que é amada: *Nec dubitat se amari quae amat* (4). No amor natural e cá da terra passa o mesmo. Um amor naturalmente chama por outro. E não há coração nem tão surdo, que se é chamado não ouça, nem tão mudo, que se ouviu não responda. Até as penhas dos desertos respondem às vozes, e o mesmo eco, que parece que é repulsa, é correspondência. A correspondência não é outra coisa que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para donde veio. E assim como não há mármore nem bronze tão duro que, ferido do raio do sol, não responda ao mesmo sol com a reflexão do seu raio, assim não há coração tão de mármore na dureza, e tão de bronze na resistência, que, prevenido no amor, o não redobre e corresponda com outro.

É tão certa e experimentada esta força do amor, e tão constante no juízo de todos os sábios, que poetas, oradores, filósofos, e os mesmos Santos Padres a confessam e encarecem. Entre os poetas, todos sabem o epigrama de Marcial: *Ut ameris, ama*. Deixo outras citações de autores desta casta, porque são gente que mais professa a lisonja que a verdade. Entre os oradores, o príncipe de todos, Marco Túlio, escrevendo a Bruto, diz assim: *Clodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque judices a me amari*. Quer dizer: Clódio me ama muito, e como eu estou

persuadido a isso, não duvido que vós também julgareis que eu o amo. — E por quê? *Nihil enim minus homini ea, quam non respondere in amore us a quibus provocere*: Porque não há coisa — diz — mais alheia do ser de homem, que não responder com amor a quem o amou primeiro. — De maneira que, em sentença daquele homem, de cuja língua estavam pendentes as sentenças de todos, o homem que foi amado de outro, ou o há de amar também, ou deixar de ser homem.

Entre os filósofos, Hecaton, referido e seguido por Sêneca — que é dobrada autoridade — disse o mesmo, mas com coturno filosófico e confiança de mestre dos mestres. As suas palavras, como se apregoasse e vendesse amor, são estas: *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficae carmine*. Se alguém deseje que o amem, não peça ervas à natureza, nem confeições à medicina, nem feitiços à arte mágica: venha-se a mim, que eu lhe descobrirei um segredo de mais virtude que todas as ervas, de mais eficácia que todos os medicamentos, e de mais e maior força que todos os feitiços. E que segredo é este tão poderoso? *Si vis amari, ama*: Se queres ser amado, ama. — Não disse mais o filósofo, e nestas duas palavras compreendeu toda a filosofia do amor. Amar e ser amado, são relações mútuas e recíprocas que, posta ou suposta uma, logo naturalmente resulta a outra. E assim como o amor só com amor se conquista, assim não há amor tão forte, ou tão fortificado, que se não renda a outro amor. Vamos aos Santos Padres.

V

São João Crisóstomo, sem alegar a Hecaton, também grego, disse como própria a sua mesma proposição: *Si vis amari, ama*. Mas provou o que ele não tinha provado, com a natureza do mesmo amor. O amor essencialmente é união, e a união não pode unir um extremo sem que una também outro. Porventura, se vos atardes a um homem pode ele deixar de ficar também atado convosco? Não. Pois, da mesma maneira — diz Crisóstomo — se amastes, não podeis deixar de ser amado: *Quomodo enim, si velis te ipsum alteri alligari, non aliter poteris, nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges*. Assim se uniu e atou Jônatas a Davi, e Davi logo ficou unido e atado com Jônatas. Os mesmos termos com que o conta a Escritura declaram o amor e mais a comparação: *Anima Jonathae conglutinata est animae David* (5). Não diz que Jônatas amou a Davi, e Davi a Jônatas, senão que a alma de Jônatas se grudou com a alma de Davi. Porque assim como uma tábua se não pode grudar com outra sem que ambas fiquem unidas, assim uma alma não pode amar outra alma sem que ambas se amem. O valor de Davi moveu a alma de Jônatas a que o amasse, e o amor de Jônatas obrigou a alma de Davi a que o correspondesse. Jônatas, não amado, amou; mas Davi, depois de amado, não pôde deixar de amar. O primeiro amor foi livre, o segundo necessário. Finalmente, conclui o mesmo S. Crisóstomo, que a vontade de cada um é a lei da vontade alheia: *Voluntas tibi sit lex*, porque, segundo cada um quiser ou não quiser amar, assim será ou não será amado. De sorte que o amar eu é mandar e obrigar a que me amem. O amor é o preceito, a correspondência a obrigação: o amar império, o ser amado obediência.

Santo Agostinho, em menos palavras não disse menos. *Nulla major est ad amorem invitatio, quam amantem amore praevenire. Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere*: O maior e mais certo motivo de ser amado, é antecipar o seu amor quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano, mas não verdadeiro amor. A formosura entretém os olhos, as dádivas enchem as mãos, a discrição lisonjeia os ouvidos, os regalos saboreiam o gosto, o poder e a majestade faz dobrar os joelhos; mas sujeitar e render o coração, só o amor. E o coração humano tão generoso, que não se rende senão a seu igual, nem há outro interesse, força ou arte com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla major ad amorem invitatio, quam amore praevenire*. A palavra *invitatio* soa a invite, e o *praevenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão é — diz Agostinho — porque se no mundo houver algum coração tão duro e duríssimo, que nem ame nem queira amar, nenhum haverá tão alheio de toda a humanidade — ainda que seja esse mesmo — o qual, depois de amado, não queira responder com amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere*. Notai muito aquele *nolebat* e este *nolit*. Antes de o amarem, poderá haver coração tão duro que não ame nem queira amar; mas, depois de se ver amado, há de amar e querer amar, ainda que não quisesse.

É tanto isto assim — para que eu também fizesse meu encarecimento — é tanto isto assim, que se Deus criara um coração de ferro, e este coração fosse amado, natural e necessariamente havia também de amar. Falando Plínio do magnete, ou calamita, ou pedra-ímã — que me não cabe na boca o nome do nosso vulgo descreve o seu amor com o ferro, ou os seus amores, desta maneira: *Quid ferri duritia pugnatus? Sed cedit, et patitur amores. Trahitur namque a magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneturque, et complexu haeret: Que dureza mais dura que a do ferro? E contudo esta matéria, domadora de todas as coisas, também se deixa penetrar e padecer de amor. É o ferro amado da pedra-ímã — a quem os franceses discretamente chamam pedra amante — e é tão milagrosa ou tão amorosa entre ambos a força desta natural simpatia, que a pedra, como amante, sempre está atraindo, e o ferro, como amado, sempre correspondendo. Ela o chama, ele se move; ela o guia, ele a segue; ela o eleva, ele se suspende; ela o ata, ele se deixa prender; se ela pára, ele pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda à roda, rodeia; sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos, e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. E se isto obra no ferro uma qualidade oculta, que seria no coração, ainda que fosse de ferro, um amor declarado? Um ferro amado de uma pedra não pode deixar de pagar amor com amor. E poderá um coração humano amado não amar? Todos estais dizendo que não, e parece que dizeis bem.*

Só tem esta regra ou opinião geral uma exceção contra si, a qual notou Santo Ambrósio, e, depois dele, Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderam o caso de José, e o valor mais que de homem com que fugiu e largou a capa nas mãos da senhora, e o que sobre tudo encarecem, é que, amado, não amou: *Adamatus, non redamavit*. Logo, não é tão certa nem tão universal a proposição que até agora pretendemos provar, nem tão repugnante e quase impossível ao coração humano não responder com amor quando é prevenido com outro, ou deixar de amar quando é amado. Bem pudera eu aqui responder que a exceção de um exemplo, quando é um só, ou raríssimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E a mesma admiração com que os santos celebram este caso e lhe chamam prodigioso, vem a ser nova e maior prova de quão próprio e natural é da vontade e propensão humana, seguir sempre e obrar o contrário. Mas, com licença de Ambrósio e Agostinho, eu não consinto em que José amado não amasse, antes digo, que não só amou, mas com muito maior excesso do que foi amado. A egípcia, como vil, acusou a José, e o que começou amor, degenerou em vingança; José, pelo contrário, como honrado, estando inocente, não se desculpou, e o que parecia desamor, mostrou que era fineza. Fino com Deus, porque não quis pecar, fino com seu senhor, porque o não quis ofender, e mais fino com a mesma que o amou, porque, preso, carregado de ferros, e quase condenado à morte, não se desculpou a si pela não culpar a ela. Pagou-lhe o amor com lhe encobrir o delito. Ela cobriu-o com a capa, e este com o silêncio. Tão impossível é que o amor, ainda na terra mais dura e mais estéril, e ainda rejeitado e rebatido, não produza amor.

Mas, admitido que a egípcia amasse e não fosse amada, e José fosse amado e não amasse, falando em termos somente naturais e humanos, neste caso, ou noutro semelhante, qual estado ou qual fortuna seria mais cruel e mais detestável: a do que ama, e não é amado, ou a do que é amado, e não ama? Respondo que no tal acontecimento — de que Deus livre a todo o coração humano — o que ama e não é amado seria digno de maior compaixão, e o que é amado e não ama, de maior horror. Amar e não ser amado é o maior tormento; ser amado e não amar é a maior injustiça. Mas aquilo é padecer a sem-razão; isto é fazê-la: logo, melhor é amar e não ser amado, que ser amado e não amar, porque amar e não ser amado, é ser mártir; ser amado e não amar, é ser tirano. Sendo pois um excesso tão alheio da razão, tão indigno da humanidade, e tão contrário a toda a inclinação natural, não pagar amor com amor, quem duvida ou pode duvidar que não só o aborrecer a quem nos ama — que é ato — mas ainda o não amar somente — que é mera suspensão — seja a maior violência da liberdade humana, o maior aperto do coração, e a maior tirania da natureza?

VI

Ponderadas assim de qualquer modo as três dificuldades em que até agora nos detivemos — cujo peso e energia mais se pode sentir que declarar — que faria a vontade humana cercada ou sitiada por

todas as partes, e combatida juntamente de três violências tão fortes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, e o terceiro, que deste se segue, lhe manda não amar nem corresponder — para que o digamos por seu nome — aos amantes. E, bastando qualquer destas obediências por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas juntas, que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angústias. Quem o manda amar o inimigo, parece que o quer insensível; quem o manda aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; e quem o manda que, amado, não ame, parece que o supõe pedra ou morto. Que remédio, logo, para satisfazer tantas e tão dificultosas obrigações juntas, e para que não fique nelas o entendimento esmorecido, a vontade desesperada, e toda a alma oprimida? Não é tampouco suave a lei de Deus, que, se dificulta os preceitos, não facilite os remédios. Todas estas dificuldades, que tão feias e tão medonhas se representam ao coração humano, assim como elas são três, assim se vencem com três palavras, que são as que tomei por tema: Diligite — inimicos — vestros. Manda Cristo, Senhor nosso, que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que tem alguma dificuldade, se observam os outros dois, sem nenhuma dificuldade. Disse só com a imitação, porque não é necessária a observância deste preceito para observar os outros. Mas, se este preceito trata dos inimigos, e os outros dois dos amigos, se este preceito manda amar, e um dos outros aborrecer, se este diz: amai a quem vos tem ódio, e o outro diz: não ameis a quem vos ama, como pode ser que na imitação deste preceito consista a observância dos outros? Não vos parece isto que digo uma coisa muito maravilhosa? Pois este é o segredo admirável que vos prometi.

Para inteligência dele havemos de supor, em primeiro lugar, que há dois gêneros de inimigos: uns inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com ódio, e outros inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com amor. Os inimigos que nos querem e fazem mal com ódio, são os que Cristo nos manda amar, e estes todos sabemos quais são; os inimigos que nos querem e fazem mal com amor, são os que o mesmo Cristo nos manda aborrecer, e estes porventura não sabeis nem imaginais quais sejam, e agora o sabereis. Sabeis quem são estes inimigos? São todos aqueles que por sangue e parentesco mais ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por benefícios, ou por esperanças e dependências, ou por graças e prendas pessoais, ou por qualquer outro motivo de afeição vos amam desordenadamente. A esposa santa dizia: Ordinavit in me charitatem (6). O amor ordenado é caridade, e o amor desordenado, ainda que a desordem seja ou pareça leve, nem é caridade, nem é amor: é ódio. Como pode ser amar nem querer bem o que me priva ou aparta do sumo bem?

Daqui se segue a segunda coisa que havemos de supor, e é que assim como há dois gêneros de inimigos, assim há dois gêneros de amar e dois gêneros de aborrecer. Há amar bem e amar mal, e há aborrecer mal e aborrecer bem. E em que se distinguem ou diferenciam este amar e este aborrecer? Distinguem-se pelos afetos e também pelos efeitos, porque o amar mal é aborrecer, e o aborrecer bem é amar. Os antigos pintavam o amor e o ódio igualmente armados, ambos com arco e aljava; mas o amor diziam que atirava com setas de ouro, as quais tinham por efeito dar vida, e o ódio com setas de ferro, que tinham por efeito matar. Agora pergunto: e se o amor e o ódio trocassem as aljavas, que sucederia neste caso? Sucederia sem dúvida o que conta Anacreonte que sucedeu ao mesmo amor com a morte. Caminhavam — diz — o amor e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a fazer noite e albergar na mesma estalagem; levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia ainda pouca luz, sucedeu que as aljavas se trocaram; e porque o amor levou as setas da morte, daqui veio que dali por diante as suas feridas foram mortais. O mesmo digo eu que sucederia no nosso caso, não fabulosa, senão verdadeiramente. Se o amor atirasse com as setas do ódio, o amar seria aborrecer; e se o ódio atirasse com as setas do amor, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo que sucederia é o que sucede, e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Santo Agostinho. Porque o amor, amando mal, aborrece como se fora ódio; e o ódio, aborrecendo bem, ama como se fora amor: Si male amaveris, tunc odisti: si bene oderis, tunc amasti: Se amastes mal, então aborrecestes; se aborrecestes bem, então amastes. — É sentença expressa e sem variação alguma, tirada do mesmo texto de Cristo. E por que não pareça que o nome de admirável, que eu dei a este segredo, é posto por mim, o mesmo Agostinho lhe deu o mesmo nome: Magna et mira sententia.

Supostas estas duas verdades certas e evidentes, em que muitos corações andam tão enganados e

tão cegos, cuidando que amam e são amados, quando aborrecem e são aborrecidos, vede quão fácil fica a execução, e quão natural e leve o exercício de todas aquelas que ao princípio nos pareciam dificuldades, violências e tiranias. Pergunto: não é muito fácil não amar eu a quem me não ama, e aborrecer a quem me aborrece? Sim. Pois isto é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, daqui se segue que tão fácil é não amar eu a quem me ama, como não amar a quem me não ama, porque quem me ama mal, não me ama. E do mesmo modo, tão fácil é aborrecer a quem me ama, como aborrecer a quem me aborrece, porque o amor de quem me ama mal, tão fora está de ser amor, que antes é aborrecimento e ódio. E se alguém disser que ao menos por esta via não guardo o preceito de amar aos inimigos, também infere mal e se engana, porque esse mesmo aborrecê-los e não os amar, é amá-los. A prova é manifesta, mas há mister atenção. Amar mal é aborrecer: *Si male amaveris, tunc odisti*: logo quem me ama mal, aborrece-me, e porque me aborrece, é meu inimigo. É meu inimigo? Logo, tenho obrigação de o amar: *Diligite inimicos vestros*. Tenho obrigação de o amar como inimigo? Logo sou obrigado a o aborrecer bem, assim como ele me ama mal; e se eu o aborreço bem, já o amo, porque aborrecer bem é amar: *Si bene oderis, tunc amasti*.

VII

Parece-me que temos filosofado assaz, posto que toda esta especulação foi necessária para chegarmos ao ponto em que estamos. Agora desçamos à prática dele, que é o que mais importa, e ponhamos o exemplo nas amizades, afeições e correspondências que no mundo se usam — e também nas que se abusam fora do mundo — para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor há mais natural, mais lícito e menos suspeito que o dos pais para com os filhos; e contudo é coisa que excede toda a admiração, dizer o divino Mestre, como referimos no princípio, que quem não aborrecer seu pai e sua mãe, não pode ser seu discípulo: *Qui non odit patrem et matrem, non potest meus esse discipulus*. Abaixo de Deus devemos amar os pais, que depois dele nos deram o ser. Como diz logo o mesmo Deus, que para ser seu discípulo é necessário aborrecer e ter ódio aos próprios pais? Bem se está vendo que este texto há mister declaração, e nenhum lha deu melhor que S. Gregório Papa. Muitas vezes o amor dos pais é desordenado, e não conforme a lei e amor de Deus. Não são todos como Jefté, que sacrificou a filha única, nem todos como Abraão, que não duvidou levar também ao sacrifício o seu primogênito. Quantos, por estabelecer a sucessão da casa, impedem o estado religioso às filhas, e quantos, por terem perto de si os filhos, não fazem caso de que eles andem muito longe de Deus? E pais que querem mais à sua casa que à minha alma, pais que estimam mais o seu gosto que a minha salvação, pais que, porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna, vede se são merecedores de amor ou de ódio? Ditasas vós, que por amor do esposo do céu tivestes valor para deixar os pais da terra; ditosas, se por vontade sua os deixastes, e muito mais ditosas, se contra sua vontade fugistes deles. Eles, voluntariamente deixados, sacrificaram em vós o seu amor; e vós, violentamente fugindo deles, consagrastes neles o vosso ódio. Este é o ódio santo com que Cristo manda aborrecer pai e mãe, aos que se quiserem fazer dignos de sua escola; e este o verdadeiro aborrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Nem se encontra o preceito de amar os mesmos pais com este preceito ou conselho de os aborrecer — diz S. Gregório — porque, se eles me aborrecem com amor, justo é que eu os ame com ódio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava non suggerit, non oditur*. Eles aborrecem-me com amor, porque me amam mal: *Si male amaveris, tunc odisti*; e eu amo-os com ódio, porque os aborreço bem: *Si bene oderis, tunc amasti*.

Depois do amor dos pais — em que se compreendem todos os graus do sangue — debaixo do nome comum de amigos entrarão geralmente, e com maior decoro, todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era também o nome desta profissão sagrada e venerável: *Illud amicitiae sanctum et venerabile nomen*. Mas, depois que a sincera amizade, a qual entre o coro das virtudes tinha tão honrado lugar, se desceu de sua dignidade, e acompanhou com os vícios, que amigo ou chamado amigo há hoje que, assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja também do seu amigo? Tertuliano, falando de certos hereges que negavam a ressurreição da carne, sendo porém grandes amadores dela, chamou-lhes discretamente os amicíssimos inimigos da carne: *Inimicos carnis, et nihilominus amicissimos ejus*. E, posta de parte a heresia, quem são os amigos do

uso, sem lhes fazermos agravo, senão amigos inimicíssimos, ou amicíssimos amigos? E, se não, disse-me os mais moços — para que guardemos esse respeito às cãs — disse-me e confessai sem reboço: de que vos servem esses que tendes por amigos mais íntimos, e que amizades são as suas? Irem convosco ao passeio e à comédia, levarem-vos à casa de jogo e às casas ou serralhos da ruim conversação; acompanhem-vos de noite aos furtos da honra alheia, ou à vingança oculta; serem vossos padrinhos no desafio a que vos levam já excomungado, e vos trazem morto ou mal ferido; serem os secretários de todos vossos cuidados e pensamentos, e os conselheiros de todas as traças, enredos e execuções de vossas loucuras e apetites sem freio; enfim, os cúmplices inseparáveis de todos vossos vícios e pecados, e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam e asseguram: e tudo isto com tal esquecimento da fé e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciência, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dito é menos do que calo e vós sabeis, julgai se pode haver algum inimigo mais cruel e mais inimigo que estes amigos? Não só são os maiores inimigos, mas muito maiores que o maior, porque o maior inimigo pode-vos tirar uma vez a vida do corpo, e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. Ouvi o que lhes diz, e como os trata o apóstolo São Tiago.

Adulteri, nescitis quia amicitia hujus mundi inimica est Dei (7)? Adúlteros, não sabeis que a amizade deste mundo, qual é a vossa, é inimiga de Deus? — Amizade inimiga lhe chama, porque debaixo do nome de amigos, são os mais cruéis inimigos, e não há amizade tão contrária, nem hostilidade tão fera, tão nociva e tão inimiga, como são estas amizades. Mas, reparemos no nome extraordinário de adúlteros, com que o apóstolo ou nomeia ou afronta estes amigos! O qual nome, não só parece impróprio de amigos ou inimigos, mas incapazes eles mesmos de se lhes poder aplicar. O adultério não se pode cometer ou executar, senão entre três: o adúltero, a mulher própria, a quem se nega o legítimo amor, e a estranha, que ilicitamente se busca e ama. Pois, se este ato trágico se não pode representar com menos de três figuras, se o adultério se não pode cometer senão entre três, como pode haver adultério entre dois amigos somente, e esses amados e conformes entre si, e nenhum ofendido do outro, nem aborrecido? Por isso o apóstolo, quando lhes chamou adúlteros, lhes chamou também ignorantes: Adulteri, nescitis? — porque não sabem que o seu amor é aborrecimento, a sua união discórdia, a sua fidelidade traição, e toda a sua amizade o maior ódio. O adúltero divide os seus afetos ou a sua paixão entre duas: a uma aborrece, a outra ama; a uma despreza, a outra estima; a uma ofende, a outra regala; a uma é infiel, a outra mostra fidelidade; a uma trata em tudo como amiga, e a outra como inimiga. E estas mesmas contrariedades, que no adultério se repartem por dois sujeitos, nesta falsa e adulterina amizade, todas se ajuntam e acumulam em um só, que é reciprocamente cada um dos falsos amigos. Como a sua amizade é inimiga e o seu amor não é amor, senão ódio, o mesmo que, enquanto amigo, é amado, estimado, defendido, favorecido e servido, e goza aparentemente os bens do amor, esse mesmo, enquanto inimigo, é aborrecido, ofendido, perseguido, maltratado e destruído, e padece verdadeiramente todos os males do ódio. E a razão destes efeitos tão encontrados e tão unidos não é outra, por última conclusão, senão a que temos dito. A amizade de tais amigos, e o amor dos que assim se amam, porque se amam mal, é verdadeiro ódio; que muito logo, que tendo-se verdadeiro ódio, se queiram mal e se façam mal? O mesmo que se querem, isto se fazem, assim como se fariam bem, se se quisessem bem. Mas quem se quer mal e se faz mal porque se ama mal, não se pode querer bem, nem fazer bem, senão aborrecendo-se bem: Si bene oderis, tunc amasti; si male amaveris, tunc odisti.

VIII

Tempo é já de colhermos as redes. E quantos corações se acharão — pode ser — enredados e presos nelas? Mas, se os peixes, que entre todos os animais são os mais brutos, fazem tanta força pelas romper e se libertar, que alma haverá tão irracional e tão insensível, que sendo a prisão mortal como é, queira antes a prisão que a liberdade? O que se possui com amor — diz o nosso São Bernardo — não se pode deixar sem dor. E que dor seria a de hoje — mas que lágrimas tão venturosas e tão alegres! — se de todos os corações que se amam se houvesse de fazer um apartamento geral? Este é, e este foi o meu intento em todo o discurso que ouvistes. E se lhe destes a atenção que vos pedi, bem creio tereis entendido quão fácil resolução será a que vos pretendo persuadir. Não digo que se deixem

de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem: só digo que se se amavam, se amam, e se se queriam bem, não se queriam mal. Concordem-se logo em se amar os que se amam, mas amem-se como devem e como convém a ambas as partes. Quem diz que me ama, porque assim o cuida, ou me quer bem, ou me quer mal. Se me quer mal, quero-o amar como cristão: Diligite inimicos vestros; se me quer bem, quero-o amar como homem, porque todo homem, diz Cristo, ainda que seja gentio, ama a quem o ama: Si enim diligitis eos qui vos diligunt, nonne et ethnici hoc faciunt (8)? Na nossa doutrina — que toda é do mesmo Cristo — uma e outra coisa vem a ser muito mais fácil. Se amar mal é aborrecer, que dificuldade tem aborrecer a quem me aborrece? E se aborrecer bem é amar, que dificuldade há em amar a quem me ama? Por isso digo que se amem os que se amam, mas de modo que se queiram bem e não se façam mal.

E porque neste apartamento — que é forçoso — das pessoas e nesta troca — que há de ser voluntária — de um amar, ou modo de amar, em outro, nem os mal-amados se queixem dos que bem os aborrecem, nem os bem aborrecidos dos que mal os amavam: consolem-se uns e outros com a queixa que fazia Davi dos que, pelo mesmo caso, se queixavam dele: Perfecto odio orderam illos, et inimici facti sunt mihi (Sl. 138, 22): Aborreci com perfeito ódio aos que devia aborrecer — diz Davi — e eles entenderam isto tão mal, que por isso se fizeram meus inimigos. — Pois, se vós os aborrecestes, que muito é que eles vos aborçam? E se vós lhes tivestes ódio, que muito que eles também vos pagassem com ódio, e de amigos vossos se trocassem em inimigos? Muito é — diz Davi — e de quem entende pouco, o que vai de ódio a ódio. O ódio com que eu os aborreci foi ódio perfeito: Perfecto odio oderam illos; e ódio perfeito é verdadeiro amor. Pois, se eu os amei com verdadeiro amor, e essa é a perfeição do ódio com que os aborreci, que causa tiveram eles para se fazerem meus inimigos: Et inimici facti sunt mihi? Nenhuma causa tem logo de se queixar ou agravar deste ódio perfeito, nem os que não professam perfeição — porque também eles são obrigados à consciência — nem, e muito menos, os que a professam, porque seria cometer um sacrilégio, e consentir e concorrer para outro com dobrada ofensa e injúria — por não lhe chamar escândalo — da mesma perfeição. O que devem fazer nesta troca de amor imperfeito e ilícito com o ódio perfeito e santo, todos os que, amando-se mal, se aborrecem, é darem-se o parabém a si e ao seu mesmo amor, pois não pode haver parabém mais justo e bem-aceito, que quando o que era mal se trocou em bem, e quando se começam a querer bem sem engano os que, enganados e cegos, se queriam mal.

E se o nome de ódio — que sempre é odioso — ainda com ser perfeito, lhes causa algum horror, ouçam a suavidade divina com que a suprema verdade e sabedoria do mesmo Cristo lhe tirou todo este medo com outro maior: Qui amat animam suam, perdet eam; et qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam (Jo. 12,25): Quem ama a sua alma, perdê-la-á, e quem lhe tiver ódio, salvá-la-á para sempre. — Não é melhor o ódio que me salva, que o amor que me perde? Não é melhor a triaga amargosa que me dá vida, que o veneno doce que me mata? Pois este é o amor e o veneno que o médico divino condena, e este o ódio e a triaga que receita, aprova e persuade. Oh! como é louco e sem juízo todo o amor desordenado! Pode haver maior loucura que estimar mais a enfermidade que a saúde, e mais a morte que a vida? Se vós amais mal, ao menos não mateis a quem vos ama. Animam suam, na língua em que falava Cristo, quer dizer a alma, a vida e a pessoa. E por que se não contentará quem vos ama, de ser amado como vós amais a vossa alma, como amais vossa vida, e como vos amais a vós mesmo? Não é isto desamar, nem pretendeu Cristo, quando o disse, que nos amássemos menos, mas que fizéssemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama como a vossa vida, como a vossa alma, e como a vós mesmo em alma e corpo, quando amardes e zelardes igualmente tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue nem pode conseguir senão por beneficio deste ódio: Qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam.

Reparai se tendes fé naquele aeternam. A vida que depende deste ódio não é outra que a eterna. Esta é a que se perde por quatro dias de amor, e esta a que, por outros tantos de ódio, se assegura para sempre. E então, que digam e cuidem que se querem bem os que, só por se quererem, não querem o sumo bem! E que creiamos que nos amamos e não nos aborrecemos, quando nos aborrecemos para o céu e nos amamos para o inferno? Se vos amais, e estimais tanto o ser amado, por amor do vosso

mesmo amor deveis fazer estas tréguas e esta suspensão de afetos, entre vós e com ele. Porque, se fordes ao céu, os mesmos que agora vos amais, lá vos haveis de amar eternamente. E, pelo contrário, se fordes ao inferno — o que Deus não permita — lá vós haveis de aborrecer com ódio imortal, enquanto o mesmo Deus for Deus. Será logo bem que, por um falso amor de poucos dias, percais o verdadeiro amor de toda a eternidade, e que este mesmo amor com que vos amais — e só porque vos amais — se haja de converter em ódio eterno?

IX

Mas ainda que não houvera inferno, nem paraíso, nem cristandade, nem religião, bastava só ter entendimento e juízo para que esta apreensão e quimera que se chama amor fosse aborrecida e detestada como rematada loucura. Se no mundo houvera amor, ainda que acima do mesmo mundo — como dizia — não houvera céu, nem abaixo dele inferno, eu vos concedera que amásseis; mas perder, não digo já a alma, de que agora não falo, mas a liberdade, a quietação, o sossego, o descanso e a vida, e condenar o triste coração ao perpétuo martírio de cuidados, confusões e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fora de si, por uma imaginação fantástica do que não há nem é, nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

E para que vos desenganeis que não há amor, e que este nome especioso, ainda nos que parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos, para que chegue o desengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve porventura algum amante mais perdido que Adão e Eva? Tão perdido que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido que perdeu o paraíso, se perdeu a si, e nos perdeu a nós e todos seus descendentes, por não perder um leve agrado de quem imaginava então que amava muito. Mas, assim como Adão se enganou com o pomo, se enganou também com o seu próprio amor. Chegou a ocasião de mostrar qual ele era, e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente que, sendo o preceito sob pena de morte, para ele se livrar a si, acusou a Eva: *Mulier quam dedisti mihi* (9). Enquanto cuidou que a pena da lei era somente cominação, grandes aparências de fineza — que tudo o que dissemos foram só aparências — mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão afetuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão, e estes são os de seus filhos, para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

E os homens, onde conheceram o amor das mulheres? Não é necessário repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de José. Não reparou na autoridade, sendo princesa, nem na lealdade, sendo casada, nem na desigualdade, sendo ela senhora e ele escravo, porque nada disto via. Por isso diz a Escritura, não que pôs os olhos em José, senão que lhos lançou ou lhe atirou com eles: *Injecit oculos in Joseph* (10), para significar que em tudo o que fez e pretendeu obrou como cega. Mas, tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amor, e como se quisesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus disse ela ao marido: *Ingressus est servus Hebraeus, quem adduxisti, ut illuderet mihi* (Gên. 39,17): Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que ele se atrevesse a me querer descompor. — Oh! falsa! Oh! desleal! Oh! fementida! Oh! traidora! Agora, porém, só verdadeira, quando descobriste o avesso do teu coração, e nele o interior inconstante e já mudado com que a José enganavas e a ti mesma mentias. Mas, que muito é que mudasse tão de repente a cena de amor de uma mulher, quando o primeiro autor de semelhante tragédia foi o primeiro homem? Se os homens querem outro exemplo, lembrem-se do amor de Dalila para com Sansão. E se as mulheres quiserem também outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Tamar, no mesmo dia com os maiores extremos amada, e no mesmo com muito maiores aborrecida. Assim tratou um homem, que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais ilustre de Israel; e assim pagou uma mulher, de que se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo.

Eu bem ouço que as mulheres, e não os homens, têm a opinião da inconstância; mas eles são filhos delas. Olhai que bem o notou Jó com ser homem: *Homo natus de muliere, nunquam in eodem statu*

permanet (Jó 14,1 s): O homem filho da mulher é tão vário, tão mudável e tão inconstante, que nunca permanece nem dura no mesmo estado. — Mas, se todo o homem nasce de mulher e de homem, por que lhe chama Jó neste caso só nascido de mulher: *Homo natus de muliere*? Porque os homens no sexo saem aos pais, e na inconstância às mães. Porém daqui mesmo se colhe que tão inconstantes são os homens como as mulheres: os homens, por filhos de tais mães, e as mulheres por mães de tais filhos: *Homo natus de muliere*. A mulher inconstante por condição, o homem inconstante por nascimento; a mulher, como a lua, por natureza; o homem, como o mar, por influência. Vede o que disse Cristo a uma mulher, a samaritana. Era ela não só a mais discreta de que se lê no Evangelho, senão também a mais sábia, pelas questões que altercou com o mesmo Cristo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti, et hunc quem habes non est tuus vir* (11). Além do amigo que agora tens, já tiveste outros cinco. — Pois cinco amigos, um depois dos outros, uma só mulher, e não de muita idade? Aí vereis a inconstância do amor humano. Mas, reparai no que porventura não advertis. Ou a samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaram a ela: se eles a deixaram a ela, fiaí-vos lá de amor de homens? E se ela os deixou a eles, quem se fiará de amor de mulher?

Bem digo eu logo que isto que no mundo se chama amor é uma coisa que não há nem é. É quimera, é mentira, é engano, é uma doença da imaginação, e por isso basta para ser tormento. Pode haver maior tormento que amar, quando menos em perpétua dúvida, amar em perpétua suspeita de ser ou não ser amado? Pois este é o inferno sem redenção a que se condenam todos os que amam humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouvei umas palavras que tendes ouvido muitas vezes, mas com uma consideração em que nunca reparastes — *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus aemutatio* (Cân. 8,6): O amor é forte como a morte, e o ciúme cruel como o inferno. — Assim o declara o texto original hebreu, o grego, o siro e o arábico: *Crudelis sicut infernus zelotipia*. Todos sabeis que à morte, a qual é trânsito e passagem, se seguem outros dois termos de que se não passa: ou inferno ou paraíso. Pois, se o amor é como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*, por que se não segue também depois do amor ou paraíso, ou inferno, senão inferno somente: *Dura sicut infernus aemulatio*? Porque o amor desta vida e deste mundo é uma morte que só tem precitos, e não tem predestinados; é uma morte pela qual sempre se vai ao inferno e nunca ao paraíso. O paraíso do amor — se o houvera — havia de ser amar e ser amado, e amado com certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não há, nem pode haver no mundo, nem este amor, nem esta certeza, senão as dúvidas, os escrúpulos, as desconfianças, os receios e as suspeitas de se me amam ou não me amam, ou de que já me ama menos que dantes, ou que trocam o meu amor por outro, ou de que outrem pretende o que eu amo, em que consiste por vários modos o tormento crudelíssimo do ciúme, este ciúme sempre duvidoso, sempre crédulo, sempre fixo na imaginação, e nunca satisfeito, este é o inferno inevitável e sem redenção a que todos os que amam se condenam, e em que são atormentados duramente, sem fim e sem remédio: *Dura sicut infernus aemulatio*.

Pois, se o que neste mundo se chama amor, bem considerado e conhecido, e visto com os olhos abertos, é um inferno, que será se a este inferno ajuntarmos o da outra vida, no qual estão ardendo e arderão por toda a eternidade tantas almas infelizes, que por amarem o que não deviam, e como não deviam, não repararam em se condenar para sempre. Mas, graças ao divino Mestre e luz de nossas cegueiras, que se quisermos sair do abismo e labirinto delas, ainda estamos em tempo de trocarmos estes dois infernos por outros dois paraísos, um aqui, outro no céu. Aborreçamos com verdadeiro amor o que amávamos com verdadeiro ódio; queiram-se o verdadeiro bem os que verdadeiramente se queriam mal. E para que desde logo entremos no paraíso presente, livre de penas e cuidados, amemos só aquele soberano Amante — e mais os que o têm por Esposo — o qual é certo e de fé, que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana, tão fiel, tão constante, tão amoroso, que a todos os que o amam com verdadeiro amor, posto que limitado, ele não deixou jamais de amar com amor imenso e infinito. *Ego diligentes me diligo* (Prov. 8, 17), diz o mesmo Cristo: Eu, Deus e Homem, amo a todos os que me amam. — E o nosso S. Bernardo, pregando aos seus religiosos, e ajuntando à certeza da fé as evidências do que tinha experimentado, dizia: *Ego amans amari me dubitare non possum, non plusquam amare*: Eu, quando amo a Jesus, de nenhum modo posso duvidar que também sou amado dele, tão seguro do seu amor, que não vejo com os olhos, como do meu, que sinto no coração.

E sendo isto assim, e o mesmo Cristo quem é, e nós cristãos, e tendo fé, que seja tal a nossa demência que o não amemos a ele, e empreguemos nosso coração em outro amor? E que haja almas racionais tão sem juízo e tão inimigas de Deus e de si, que contra si cometam uma tal desumanidade, e contra Deus um tão descomedido desprezo? Desprezo digo, porque, com nome de desprezado e enjeitado, se lamenta de nós o mesmo Senhor. Apareceu Cristo, Senhor nosso, a Santa Brígida, com rosto compungido e cheio de confusão, e como envergonhado e corrido lhe disse estas sentidas palavras: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum, quia nemo me in sua dilectione habere desiderat*: Não estranhes, filha, que me saiam ao rosto estes sinais da mágoa e sentimento, porque todos me desprezam, todos me enjeitam e lançam de si, e não há quem aceite o meu amor. — Verdadeiramente que quem se não entenece com estas palavras e não se compadece do Filho de Deus, e não tem lástima ao seu amor, tão justamente queixoso e magoado, nem é cristão, nem é homem. E que seria se nós entrássemos também neste número dos que o enjeitam e desprezam?

Senhor, Senhor, não permita vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amor. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não, que sempre o estimamos e adoramos como nosso, mas de o ter tão cegamente ofendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidão, só menor que vossa misericórdia. Ela nos valha com vosso piedosíssimo coração, e nós, com todos os nossos, desde esta hora, para sempre, abjuramos, renunciemos e condenamos a perpétuo esquecimento todo o outro afeto, todo o outro desejo e todo o outro pensamento, que não for de só a vós amar e querer. Morra nesta hora, e acabe-se nesta geral despedida, para sempre, todo o amor que não for de Jesus. E desengane-se toda a outra afeição, vista, conversação ou correspondência humana, que só com o aborrecimento daqui por diante será amada na terra, para que o falso e breve amor, convertido em verdadeiro, se continue eternamente, e dure sem fim no céu.

- (1) Amai a vossos inimigos (Mt. 5,44).
- (2) Aug. in Ps. 118.
- (3) O meu amado é para mim e eu para ele (Cânt. 2,16).
- (4) Bernard. Serm. 69.
- (5) A alma de Jônatas se conglutinou com a de Davi (1 Rs. 18,1).
- (6) Ordenou em mim a caridade (Cânt. 2,4).
- (7) Adúlteros, não sabeis que a amizade deste mundo é inimiga de Deus (Tg. 4,4)?
- (8) Por que se vós não amais senão os que vos amam, não fazem também assim os gentios (Mt. 5,46 s)
- (9) A mulher, que tu me deste (Gên. 3, 12).
- (10) Lançou os olhos sobre José (Gên. 39,7).
- (11) Tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido (Jo. 4,18).